



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante
cerimônia nacional de política indigenista**

Brasília – DF, 18 de abril de 2008

Companheiros Ministros,
Companheiro Márcio, presidente da Funai,
Companheiro Danilo, presidente da Funasa,
Ministro interino da Justiça,
Companheira Marina,
Ministro interino da Secretaria-Geral da Presidência da República,

Acho que tem três coisas que temos que ver aqui, Márcio, com muita precisão. Há determinadas coisas que temos que fazer que não dependem de uma ação do Poder Executivo. Dependem, muitas vezes, do Poder Legislativo, outras vezes dependem do Poder Judiciário, e nós temos que ter consciência da correlação de forças existente na sociedade e do tempo em que a gente pode aprovar determinadas coisas. Acho que o projeto de lei que cria o Conselho Nacional de Política Indigenista é plenamente possível acertar com as lideranças políticas e votar com uma certa rapidez. Se bem que, este ano, nós temos um problema que começa a partir de maio, que são as eleições municipais. Muitos deputados estarão em campanha e não irão comparecer para votar. Mas essa é uma coisa que eu acho que a gente consegue passar com uma certa normalidade dentro do Congresso Nacional.

A segunda coisa que eu acho mais difícil é quando acontece um problema como o da Raposa Serra do Sol. Nós tivemos três anos de muita polêmica, de muito “diz-que-me-diz”, de muitas reuniões, de muitas conversas. Quando fizemos o decreto, ainda assim decidimos que era preciso criar um processo em que não houvesse nenhuma vítima na desintrusão e que a gente



pudesse fazer as coisas corretamente. Disponibilizamos recursos para pagar os arrozeiros, a gente não queria nenhuma vítima naquele negócio. Quando nós, depois de muito tempo, designamos a Polícia Federal para fazer a ação, fomos surpreendidos com uma liminar dada por um ministro (**falha na gravação**).

A segunda coisa que me preocupa é o Mato Grosso do Sul. Há muito tempo eu tenho pedido – já pedi ao companheiro Zeca do PT, já pedi ao Márcio, já pedi a outro companheiro que foi presidente da Funasa, já falei com o Puccinelli... Nós precisamos encontrar um jeito de aumentar a área de terras dos guaranis. Precisamos encontrar um jeito porque, há muitos anos – desde que eu passei por lá – a gente percebe que não é possível. Eu já disse a dois governadores, e vou dizer à Funai agora: se for necessário, vamos comprar terras lá para garantir que as pessoas tenham mais condições de vida. Já pedi ao Rolf, que é o presidente do Incra, para vistoriar e ver se tem alguma terra – tem que ser grudada à terra atual, não pode ser uma coisa separada – para poder resolver esse problema com o qual a gente vem sofrendo há muito tempo.

Não vou entrar aqui, Márcio, nas Agendas Sociais que já fizemos com as lideranças indígenas a partir daquela nossa visita a São Gabriel da Cachoeira. Eu quero assumir um próximo compromisso. Todas as vezes que encontro companheiros ou companheiras indígenas, eles se queixam da área da saúde. Nós temos um problema, Danilo, que eu não sei se é seu ou se é do Temporão, na relação da Funasa, na questão dos postos de saúde.

Outras vezes eles se queixam da educação. Eu estou dizendo isso porque, certamente, os números que o ministro Fernando Haddad disse aqui são números exitosos, ou seja, sair de 5 para 120 milhões, é um crescimento estupendo. Isso significa que o dinheiro está disponibilizado pelo governo e já tem a decisão política de fazer. Agora, se não criar um comitê de acompanhamento da execução desse dinheiro, é capaz de terminar o ano e ele



ainda estar no caixa do governo, não ter saído. Então, é preciso criar um pequeno comitê que possa fiscalizar.

A mesma coisa para a Funasa (**falha na gravação**) assessor, que passa para outro assessor e aí passam quatro meses e não acontece. Lamentavelmente é assim, eu estou aprendendo que é assim. Se o Danilo sair daqui agora e passar para o assessor dele fazer uma coisa, o assessor dele passa para o outro assessor lá, e nenhum dos dois ouviu o que vocês falaram aqui, o clima e a sensibilidade não são os mesmos. Uma coisa é você dizer: “a filha do vizinho está doente”. Outra coisa é você estar lá, vendo-a doente. Então, eu penso, Márcio... Quero terminar, muito sucinto. Eu quero, César Alvarez, participar da próxima reunião da Comissão e quero que o Márcio faça um levantamento, e te entregue, de todos os ministros do governo que têm alguma relação política com os povos indígenas, para a gente levar todo mundo e fazer uma espécie de PAC de bons procedimentos.

Também trazer o pessoal da Comissão, Márcio, por (inaudível): “em tal lugar, na comunidade não sei onde, para o povo não sei de onde está faltando isso, está faltando aquilo, não foi feito isso”, para a gente poder ter um mapa correto das coisas que estão acontecendo. Eu fui a São Gabriel da Cachoeira, virei as costas, já faz um ano que eu fui lá. Eu vou saber o que aconteceu depois que eu saí? Eu não sei. Pode ser que tenha sido feito até mais do que nós prometemos, mas pode ser que não tenha sido feito nada. Aquela ponte já saiu?

_____: Não. Eu estive lá agora. Eu fui lá lançar o Território Indígena da Cidadania, passei em cima daquela ponte e reclamei logo: o Presidente mandou fazer a ponte e vocês não fizeram? O prefeito não fez a ponte.

Presidente: Então, é isso. Tem aquela hidrelétrica que a Aeronáutica começou a fazer.



_____: Está parada também, a mesma coisa.

Presidente: Pois é, já faz um ano que eu fui lá. Se a gente não envolve os ministros em uma reunião, para saírem cada um daqui com o compromisso... O Fernando Haddad mostrou aqui, tem 120 milhões. Está criado, está empenhado.

Agora, é preciso que se crie, junto com alguém dele, alguém de vocês, **(falha na transmissão)** olhar corretamente a questão indígena e a questão dos quilombolas. Obviamente que quanto mais afastadas estão as pessoas, quanto mais longe da capital estiverem as pessoas, mais difícil de serem lembradas pelas coisas que a gente promete. Promete uma coisa, vira as costas, vem para Brasília, passa seis meses sem ver vocês, e quando eu encontro e pergunto: aquele negócio está pronto? “Não Presidente, nem passaram lá”. Às vezes acontece.

Eu fiz uma lei, no ano passado. Este ano, eu fiquei indignado. Foi aprovada uma lei que permitia que os prefeitos brasileiros recebessem o Imposto Territorial Rural, que saísse do governo e fosse para os prefeitos. Nós fizemos a lei, uma lei maravilhosa, todo mundo aplaudiu. Um ano depois, eu tive um encontro com os prefeitos, na quarta-feira passada, e recebi a informação de que a lei que nós fizemos não tinha atendido a um prefeito ainda. Por quê? Porque a Receita Federal, ao propor a regulamentação da lei, criou tanto obstáculo que nenhum prefeito se sentiu apto a fazer o convênio. Então, foi uma lei inútil. A primeira coisa que a Receita exigia era que tivesse, na prefeitura, um cara com diploma universitário para cuidar disso. Eu fiquei pensando: como é que pode, em um país que tem um presidente da República que não tem diploma universitário, ser preciso alguém com diploma universitário para receber ITR de fazendeiro?



Presidência da República
Secretaria de Imprensa
Discurso do Presidente da República

Então, a minha tese é a seguinte, companheiros, vamos assumir esse compromisso. Eu estarei na próxima reunião da Comissão, todos os ministros que participam de alguma coisa estarão presentes, Danilo estará com o mapa de tudo que estiver fazendo pela Funasa. Aos outros ministros, nós vamos pedir para trazer também o que estão fazendo, para a gente checar o que fala o ministro e o que falam vocês, e fazer o que falta fazer.

(\$211A)